

**SERRAVES**

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

**O MUSEU**

THE MUSEUM AS  
PERFORMANCE

**COMO**

**PERFORMANCE**

ADAM BASANTA / FRANCESCO CAVALIERE /  
ANDRÉ GUEDES & DIOGO ALVIM / METTE INGVARTSEN / KUNRAD /  
PAULINA OLOWSKA / JIMMY ROBERT / SVENJA TIGER

**04 – 05 NOV**

Isabel Carvalho, uma artista que participou na primeira edição de O Museu como Performance (2015), defende uma “teoria-bestiário” que divide os artistas entre *artistas-abelhas* e *artistas-aranhas*. Os primeiros construirão os seus trabalhos a partir de referências exteriores (outros artistas, ou escritores, arquitetos, músicos, etc.), que nomeiam sem medo de que este movimento “de flor em flor” os faça perder individualidade, serem considerados mais ou menos autores (não por acaso, também são aqueles que mais frequentemente colaboram com outros artistas); os segundos traduzirão em obras aquilo que (supostamente) retiram exclusivamente das suas entranhas, prescindindo de quaisquer influências - exatamente como as aranhas retiram das suas panças a baba com que tecem as teias!

Lembrámo-nos desta distinção, e, apesar de admitirmos poder não reflectir a diversidade de práticas, decidimos testar a sua aplicação a O Museu como Performance, talvez porque um número considerável de artistas que apresentamos nesta edição tendem para o polo dos *artistas-abelha*: porque a colaboração está no centro das suas propostas (como está, aliás, na maioria dos trabalhos performativos) e, porventura mais importante, porque referem e nomeiam outros artistas, escritores, musicólogos, encenadores de teatro.

Como nas edições anteriores deste programa, a escolha dos artistas não pretendeu ilustrar qualquer tema pré-definido, mas regeu-se, em grande medida, pelas relações entre os projetos que os programadores iam elegendo - e que, retrospectivamente, percebemos terem afinidades temáticas, conceptuais, processuais. Entre elas, destaca-se uma interrogação daquilo que nos constitui enquanto humanos, e da fronteira que nos separaria dos animais (mais um motivo para nos termos lembrado da “teoria-bestiário” de Isabel Carvalho?). Digamos que a famosa interrogação do escritor e crítico de arte John Berger, *Porquê olhar para animais?* se transformou nos últimos tempos em *Porquê*

*considerar que os animais, a natureza, estão fora de nós?*

A relação com os espaços de Serralves, a adequação de determinado projeto a um contexto arquitetónico específico, também presidiu às nossas escolhas. Galerias e átrio do museu, por exemplo, pareceram-nos ideais para apresentar projetos performativos com uma componente instalativa, ou escultórica (exemplos de **Adam Basanta**, **Francesco Cavaliere**, **Jimmy Robert** e **Svenja Tiger**). Porque apresentam as características físicas justas (dimensões, desde logo), mas também porque convocam um historial de exposições concreto - além de remeterem, na sua arquitetura muito particular, para uma história do modernismo que também é explorada por alguns projetos (**Jimmy Robert** e **Paulina Olowska**, nomeadamente). Esta relação com a arquitetura pode ser igualmente observada no Auditório de Serralves, onde se apresenta uma obra inédita do artista português **André Guedes** que joga com as expectativas dos espectadores de teatro (nomeadamente subvertendo os protocolos de acesso e de ocupação) e assinala as semelhanças entre aquele espaço e a plateia e palco em obras do Teatro Aberto, em Lisboa (inaugurado em 1976, na esteira da Revolução dos Cravos). Tudo isto enquanto se articulam e relacionam referências aparentemente tão díspares quanto canções de trabalho rurais e imagens de ensaios de teatro, aqui ligadas pelo valor do coletivo, por uma determinada noção de solidariedade, de conjunto.

O facto é que **André Guedes**, **Paulina Olowska** e **Jimmy Robert** serão talvez os melhores exemplos de *artistas-abelha*. Senão vejamos: os três constroem os seus projetos através de uma rede de colaborações, referências e apropriações. O artista português parte de uma colaboração com o compositor **Diogo Alvim** para, através de um coro e um conjunto de performers (e objetos, e documentos) relacionar exemplos e noções de trabalho coletivo. A artista polaca pensa a relação entre a tipografia modernista (o trabalho agora apresentado foi inspirado no livro *ABECEDA* de Karel Teige,

figura-chave da vanguarda checa que criou em 1926 o experimental "alfabeto em movimento", em colaboração com Milca Mayerova) e as palavras (escritas e ditas) de poetas e artistas-escritores seus próximos e contemporâneos (Josef Strau, Frances Stark e Paulus Mazur) - trata-se, no fundo, de explorar a fisicalidade do texto, dar corpo (literalmente) à linguagem. Já o artista francês nascido em Guadalupe diseca no seu trabalho uma pintura de Marcel Duchamp, *Nu Descendo uma Escada, n.º 2* (1912), considerada fundadora do modernismo. Sendo Duchamp o exemplo paradigmático do patriarcado artístico (ele e Picasso são frequentemente apresentados como as figuras tutelares da arte da segunda metade do século XX, e definitivamente como *artistas-aranha*), é sintomático do questionamento de Robert dos cânones impostos pela história da arte que este seu projeto apresente e releve as apropriações e reinterpretações do "pai da arte contemporânea" por parte de artistas mulheres (mães), como Sherrie Levine, Louise Lawler e Elaine Sturtevant (conhecidas como artistas da apropriação, e definitivamente *artistas-abelha*). O "bestiário" prossegue com os trabalhos da jovem artista alemã sediada no Porto **Svenja Tiger**, da coreógrafa e performer dinamarquesa **Mette Ingvarstsen** e do **Francesco Cavaliere**, artista visual, artista sonoro e escritor italiano. A primeira, cuja prática artística interroga e confunde a relação (e as fronteiras) entre o humano, os animais e a natureza, apresenta (mais uma estreia absoluta) uma instalação ativada por um momento performativo. *Artista-abelha* também ela, colaborou com uma escritora, Lucie Fortuin, que escreveu um texto que é ouvido durante a performance; já Ingvarstsen apresenta no Auditório de Serralves uma peça coreográfica tão simples quanto intrigante, em que três bailarinos executam movimentos e assumem posições que os "elevam" à categoria de monstros, de seres não exatamente jovens ou velhos, não exatamente humanos, não exatamente animais. *Manual Focus* de Ingvarstsen refere-se à focagem manual de imagens dos corpos em cena e

às relações inesperadas que vão surgindo, experienciadas porque quem as performa e por as quem observa.

Os corpos transitam entre a androgenia e o anonimato mas, ao mesmo tempo, são expressivos, agindo como se procurassem outras formas de coexistirem. A transitoriedade e a intangibilidade são a sua natureza. Talvez para serem lidos mas sobretudo para serem vistos.

**Francesco Cavaliere** interroga noções de paisagem, e de humanidade, numa instalação de grandes vidros soprados de Murano, ativada através de performances musicais que remetem para o universo da ficção científica, ou narrativas distópicas, onde é posta em causa (exatamente como nos casos de **Svenja Tiger** e **Mette Ingvarstsen**) a centralidade do humano. Ele expande a imaginação do para-humano, ou do tangencialmente humano, a dimensões interplanetárias, nela implicando a interrogação dos limites do "vivo". E é das profundezas cósmicas de sua invenção que nos apresenta as "criaturas" de vidro e som com as quais ele mesmo se funde.

Entre os artistas de que já falámos estão exemplos de nomes principalmente ligados às artes visuais (ou cuja prática se divide entre as artes visuais e performativas) e uma coreógrafa. Antes de acrescentarmos diversidade a este cenário apresentando artistas mais diretamente relacionados com experimentações sonoras, impõe-se fazer um esclarecimento fundamental: a relação (a quase indistinção) entre performance, artes visuais, dança e música está na base do programa O Museu como Performance - não fossem as escolhas de artistas e de obras feitas em conjunto por um trio de programadores oriundos de áreas distintas: Cristina Grande, curadora de dança e performance em Serralves, Pedro Rocha, curador de música e performance e Ricardo Nicolau, curador de artes visuais. Digamos que este programa, mais do que uma colaboração transdisciplinar, reconhece a crescente dificuldade (simplesmente inválida - pelo menos pouco operativa -, em muitos

casos) em catalogar determinadas práticas artísticas, que podem ser simultaneamente entendidas como instalação, performance, dança, concerto...

Nesta edição de O Museu como Performance destacam-se - pela quantidade e pelo imediato impacto visual - obras que são instalações, e que quando activadas se relacionam quer com o universo da dança (é caso de **Jimmy Robert**) quer com o da música, ou com experimentações sonoras - e neste caso a escolha das matérias que os artistas decidem explorar é de tal forma fundamental que elas são verdadeiras protagonistas dos projetos (casos de **Adam Basanta, Francesco Cavaliere e Kunrad**). O primeiro, nascido em Israel mas sediado em Montréal (Canadá), é um artista, compositor e performer ligado à música experimental, que cria situações/ações sonoras através da manipulação de matérias brutas como cascalho e o cimento (matérias usadas na construção do próprio espaço do museu e da galeria onde a obra é instalada), mas também motores e microfones, interrogando a relação da humanidade com a tecnologia. E se na performance "Small Movements" observamos a redução dos movimentos do performer por meio de um dispositivo que faz com que o ar que o rodeia esteja armadilhado de feedbacks com os quais improvisa uma construção musical, na instalação "A Large Inscription / A Great Noise" o performer desaparece questionando-se assim os limites da "presença humana" no ato performativo numa era em que "o trabalho" é simultaneamente considerado central na dignificação humana e cada vez mais realizado por máquinas geridas e acionadas por algoritmos. A proposta de **Kunrad** - um artista sonoro cuja prática se divide entre instalações, composições e performances - pode ser encarada como uma encenação de um instrumento musical enquanto máquina. Somos convidados a deambular por um espaço onde dispositivos descarregam pequenos tubos ociosos de latão que fazem ecoar as suas vibrações enquanto rodopiam e viajam no espaço. **Kunrad**

convida-nos para o interior deste instrumento e, nas suas palavras, a termos a sensação de estar dentro de um acorde. Máxima eficácia e máxima simplicidade criam juntas um momento visual e sonicamente hipnótico. Ao longo de O Museu como Performance podemos de facto estar dentro de um acorde; como podemos, durante um fim-de-semana, estar dentro de um museu que, temporariamente, talvez não seja exatamente aquilo que dele esperamos!

Cristina Grande, Ricardo Nicolau e Pedro Rocha

Isabel Carvalho, an artist who participated in the first edition of *The Museum as Performance* (2015), proposes a 'bestiary-theory' which distinguishes between *bee-artists* and *spider-artists*. The former will create their works from external references (other artists, writers, architects, musicians, etc.) named by them without fear that this movement from 'flower to flower' might jeopardize their identity or their level of authorship (in fact, these are the ones who collaborate more often with other artists); the later will translate into works that which (supposedly) they extract exclusively from their own guts, dispensing with any references - exactly like spiders extruding silk from their abdomens to weave their webs.

We recalled this distinction and, despite recognizing that it may not reflect the diversity of practices, decided to apply it to *The Museum as Performance*, perhaps because a substantial number of the artists featured in this edition lean more towards the *bee* category, collaboration being at the core of their proposals (as is indeed the case in most performative works), and, perhaps more importantly, because they refer and name other artists, writers, musicians and theatre directors. Like in former editions of this programme, the choice of artists was not intended to illustrate any pre-defined theme, but followed to a large extent the relation between the projects that the programmers selected, which retrospectively appear to have thematic, conceptual, or processual affinities. Among these, there is the questioning about what makes us human, and about the frontier that separates us from animals (yet another reason to have recalled Isabel Carvalho's 'bestiary-theory'). Critic and writer Jonh Berger's famous question, *Why look at animals?* has recently transformed into *Why should we think that animals, and nature, are outside of us?*

The relationship with specific spaces at Serralves, the suitability of a certain project to a certain architectural context has also determined our choices. The museum's galleries and atrium, for instance, seemed

to us ideal to present performative projects with an installation or sculptural component (exemplified by **Adam Basanta**, **Francesco Cavaliere**, **Jimmy Robert** and **Svenja Tiger**). Given their suitable physical characteristics (their dimensions), but also because they evoke a concrete exhibition history, while also pointing in their unique architecture to a history of modernism that is explored in some projects, we have chosen artists such as **Jimmy Robert** and **Paulina Olowska**. This relationship with architecture is also apparent at the Serralves Auditorium, which features an original work by Portuguese artist **André Guedes** that plays with theatre spectators' expectations (namely by subverting access and occupation protocols) and highlights the resemblances between that space, the audience-seats and stage in works at Lisbon's Teatro Aberto (which opened in the wake of the 25 April 1974 Carnation Revolution). Moreover, we have brought together references apparently as disparate as rural work songs and images from theatre rehearsals, both linked to the value of the collective and a certain notion of solidarity and group.

The fact is that **André Guedes**, **Paulina Olowska** and **Jimmy Robert** are perhaps the best examples of *bee-artists*: the three build their projects through a network of collaborations, references and appropriation. In the case of the Portuguese artist a collaboration with composer **Diogo Alvim** which deploys a choir and a group of performers (as well as objects and documents) to look into examples and notions of collective work; the Polish artist explores the relationship between modernist typography (the work now featured was inspired by the book *ABECEDA*, by Karel Teige, a key-figure of the Czech avant-garde who created the experimental 'moving alphabet' in 1926 in collaboration with Milca Mayerova) and the words (written and spoken) of poets and artists-writers that are her contemporaries (Josef Strau, Frances Stark and Paulus Mazur) - the aim is to explore the physicality of the text and to (literally) embody language. As for the

Guadalupe-born French artist, he dissects a painting by Marcel Duchamp, *Nude Descending a Staircase, no. 2* (1912), which is considered a founding work of modernism. His approach to this figure, a paradigmatic example of the artistic patriarchy (Duchamp and Picasso are often hailed as tutelary figures of the second half of the twentieth century art and definitely as *spider-artists*), is symptomatic of Robert's questioning of the canons imposed by art history in a project that lays out and highlights the appropriations and reinterpretations of the 'father of contemporary art' - by women (mother) artists such as Sherrie Levine, Louise Lawler and Elaine Sturtevant (known as appropriators and definitely as *bee-artists*). The 'bestiary' continues with the works of young Porto-based German artist **Svenja Tiger**, the Danish choreographer and dancer **Mette Ingvarstsen** and the Italian visual artist, sound artist and writer **Francesco Cavaliere**. The first, whose artistic practice questions and confounds the relationship (and the boundaries) between the human, animals and nature, presents (in another premiere) an installation activated by a performative moment. Herself a *bee-artist*, Tiger collaborated with writer Lucie Fortuin, who authored a text that is heard during the performance. **Ingvarstsen** presents a choreographic piece at Serralves Auditorium that is as simple as it is intriguing, featuring three dancers who execute movements and postures that 'elevate' them to the category of monsters, that are neither young nor old, neither fully human nor fully animalesque. *Manual Focus* refers to the manual focusing of images of performing bodies and the unexpected relationships that emerge and are experienced by the performers themselves and the spectators.

The bodies move between the androgenous and the anonymous, but are simultaneously expressive, acting as if seeking for other forms of coexisting. Transitoriness and intangibility are their nature. They are there perhaps to be read, but surely to be observed.

**Francesco Cavaliere** questions notions of landscape and humanity in an installation of large Murano blown-glasses activated by musical performances that point to the sci-fi universe, or to dystopian narratives that challenge the centrality of the human (precisely like **Svenja Tiger** and **Mette Ingvarstsen**). The artist expands imagination towards the non-human, or the tangentially human, and to interplanetary dimensions, while questioning the boundaries of the 'living'. From the cosmic depths of his invention, **Cavaliere** introduces us to glass and 'creatures' with which he himself merges.

Among the artists mentioned above there are examples of names that are mostly linked to the visual arts (or whose practices are divided between the visual and the performative arts) and a choreographer. Before adding further diversity to this context by presenting artists more directly related to sound experimentation, we must make a crucial clarification: the relationship (almost the distinction) between performance, the visual arts, dance and music is at the core of the programme of The Museum as Performance, particularly because the selection of artists and works was made by a trio of programmers from different areas: Cristina Grande, is Serralves' dance and performance curator; Pedro Rocha is a music and performance curator and Ricardo Nicolau is a visual arts curator. This programme is more than a transdisciplinary collaboration; it recognizes the growing difficulty (which in many cases is utterly invalid, or at least less than operative) in cataloguing certain artistic practices, which can be understood simultaneously as installation, performance, dance, concert...

The highlights of this edition of The Museum as Performance - in terms of quantity and visual impact - are installations, whose activation relates them to the universe of dance (**Jimmy Robert**) or to music or to sound experimentations - in this case the choice of materials that the artists decided to explore is so crucial that they become the true protagonists of the projects (**Adam Basanta**, **Francesco Cavaliere** and **Kunrad**).

The first, born in Israel but based in Montreal (Canada), is an artist, composer and performer linked to experimental music that creates sound situations/actions by manipulating raw materials such as gravel and cement ( used to build the very space of the museum or gallery where the work is installed), but also engines and microphones, to question humanity's relationship with technology. And while in the performance *Small Movements* it is possible to observe a reduction of the performers movements by a device that fills the air around him with feedbacks that he uses to improvise a musical construction, in the installation *A Large Inscription / A Great Noise* the performer vanishes, thus raising about a question about the limits of the 'human presence' in the performative act at a time when 'work' is simultaneously seen as crucial to human dignity while it is increasingly performed by machines that are managed and activated by algorithms; the proposal brought by **Kunrad** - a sound artist whose practice is divided between installations, compositions and performances - could be understood as the staging of a music instrument as machine. We are invited to wander through a space where devices deliver small hollow tin tubes that vibrate as they revolve and travel in space. **Kunrad** invites us to the interior of this instrument, in his words, to experience the feeling of being inside a chord. Together, maximum efficiency and maximum simplicity create a sonically hypnotic visual moment. Throughout *The Museum as Performance* we can in fact be inside a chord; as we can, for a weekend, be inside a museum that might not be exactly what we expect of it for a while.

Cristina Grande, Ricardo Nicolau and Pedro Rocha



## ADAM BASANTA

### **A LARGE INSCRIPTION / A GREAT NOISE**

INSTALAÇÃO *INSTALLATION*

04-05 NOV 10:00 - 19:00

Galerias do Museu *Museum Galleries*

### **SMALL MOVEMENTS**

PERFORMANCE, 40'

05 NOV 15:30

Biblioteca *Library*



## FRANCESCO CAVALIERE

### **ABYSSAL CREATURES**

INSTALAÇÃO *INSTALLATION*

04-05 NOV 10:00 - 19:00

PERFORMANCE, 30'

04 NOV 15:30

05 NOV 18:00

Galerias do Museu *Museum Galleries*



## JIMMY ROBERT

### **DESCENDANCES DU NU**

INSTALAÇÃO *INSTALLATION*

04-05 NOV 10:00 - 19:00

PERFORMANCE, 20'

04 NOV 16:30, 18:30

Galerias do Museu *Museum Galleries*



## KUNRAD

### **BETWEEN COPPER AND ZINC**

PERFORMANCE, 20'

04 NOV 15:00, 17:30

05 NOV 14:00, 16:00, 18:30

Galerias do Museu *Museum Galleries*



## SVENJA TIGER

### **CONVERSATION AMONG ANIMALS**

PERFORMANCE, 15'

04 NOV 16:00, 18:00

05 NOV 15:00, 17:00

Galerias do Museu *Museum Galleries*



## METTE INGVARSTEN

### **MANUAL FOCUS**

PERFORMANCE, 25'

04 NOV 17:00, 19:00

Auditório *Auditorium*



## PAULINA OLOWSKA

### **ALPHABET**

PERFORMANCE, 20'

05 NOV 14:30, 17:30

Hall do Museu *Museum Hall*



## ANDRÉ GUEDES COM WITH DIOGO ALVIM

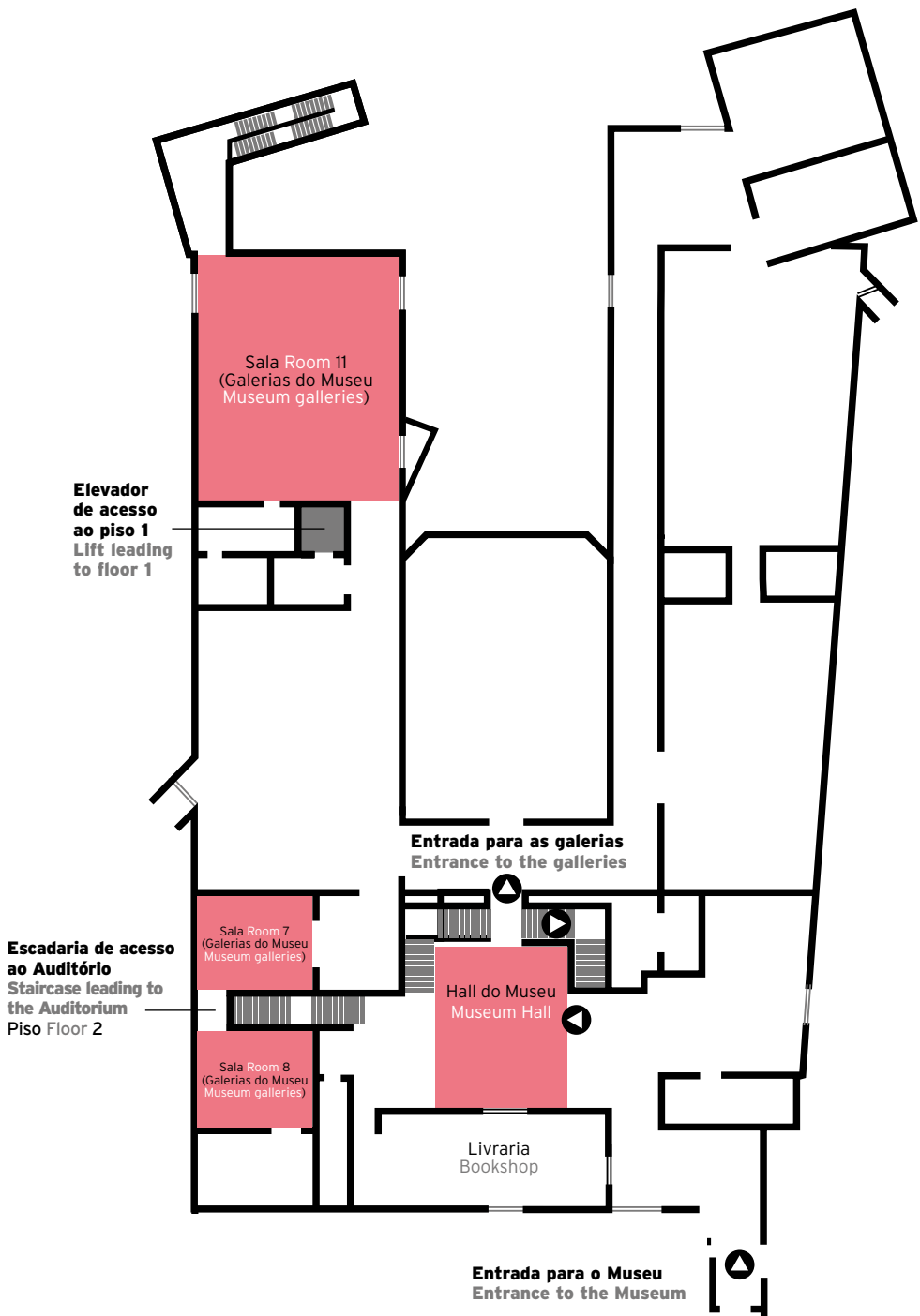
### **CANÇÃO NOVA**

PERFORMANCE, 20'

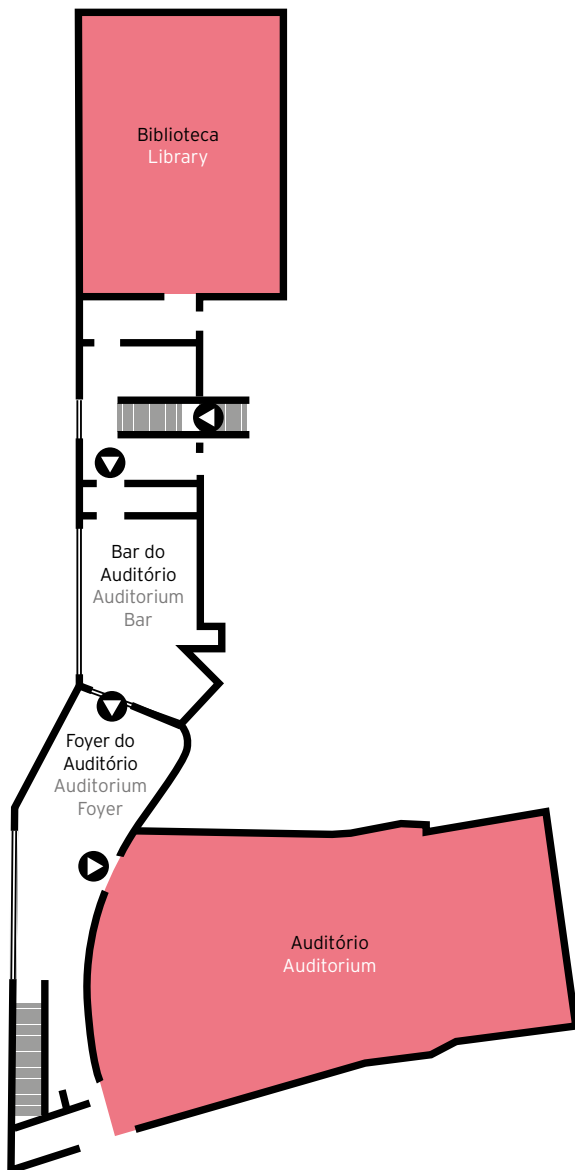
05 NOV 16:00, 18:30

Auditório *Auditorium*









## **A LARGE INSCRIPTION, A GREAT NOISE (2019)**

**ADAM BASANTA**

“A Large Inscription, A Great Noise” investiga noções de tempo histórico e de manutenção do tempo, de ciclos de construção e destruição numa era de comunicação em massa, de automatização através da cinética mecânica, e das modalidades do lastro que daí resulta.

Em “A Large Inscription”, um suporte de microfone é arrastado sobre um campo de cascalho; um instrumento indispensável ao demagogo moderno é derrubado como uma estátua deitada abaixo. Girando lentamente, ele deixa um rastro elegante que se desenvolve, sem começo nem fim.

Em contraste com este gesto contínuo, “A Great Noise” pontua a passagem do tempo com uma fisicalidade de Sísifo: um microfone envolto num bloco de cimento é levantado e largado, batendo contra uma base maior. Tal como a arte performática duracional operada mecanicamente, a força visceral evoca a tensão do destino inevitável do microfone, quer isso signifique sucumbir a um fim violento ou libertar-se dos seus grilhões.

## **SMALL MOVEMENTS (2016-)**

**ADAM BASANTA**

“Small Movements” é uma performance sonora física que usa o controle de feedback de microfone, técnicas de amplificação modificadas e elementos cinéticos. Todos os sons são criados através da interação física de microfones de mão, cones de altifalantes, software personalizado e filtros físicos.

A performance baseia-se em pequenos movimentos, em pequenas mudanças na relação entre o intérprete e as tecnologias, e entre as tecnologias, criando uma sensação de mistério e perplexidade sobre como os resultados musicais são alcançados.

Apresentado com o apoio do Canada Council for the Arts.

**Adam Basanta** (n. 1985, Tel Aviv) vive e trabalha em Montreal. Obteve um BFA em composição musical pela Simon Fraser University (Vancouver BC CAN) e um mestrado interdisciplinar em Pesquisa-Criação em Belas Artes (Concordia University, Montreal QC CAN).

O trabalho de Basanta tem sido exibido em diversas galerias e instituições internacionais, tais como Carrol/Fletcher Gallery, Londres, Reino Unido; Fotomuseum Winterthur; National Art Centre Tokyo; American Medium Gallery, New York; New Media Gallery, New Westminster; Moscow Biennale for Young Art; Serralves Museum, Porto; Edith- Russ-Haus für Medienkunst, Oldenburg; and The Center for Contemporary Arts Santa Fe. Recebeu vários prêmios internacionais, incluindo o Japan Media Arts Prize (2016), o Aesthetica Art Prize (2017) e o Prix Pierre Ayot (2019).

Enquanto compositor e performer de música experimental, a sua música para concertos, as suas performances ao vivo e edições são apresentadas em todo o mundo, incluindo participações em eventos como o MATA Festival (NYC), Gaudeamus Musicweek (NL), CTM Festival (DE), Akousma Festival (CA) e Festival Mutek (CA).

*O meu trabalho investiga a tecnologia - um espectro contínuo que vai desde tijolos de barro até à machine learning [subcampo da Inteligência Artificial] - como um ponto de encontro de sistemas simultâneos e sobrepostos; umnexo de forças culturais, computacionais, biológicas e económicas. Ao descobrir, aumentar e criar sistemas de emaranhamento, estou a tentar descobrir uma sensação de "ao vivo" ou dinamismo resultante das performances imprevisíveis de vários actantes agindo de forma independente no equilíbrio coletivo. As obras são visuais, mas igualmente coreográficas e performativas.*

*Através de uma variedade de meios - instalação, escultura cinética, som e*

*criação de imagens computacionais - utilizo frequentemente ready made tecnológicos comerciais como vocabulário central, deslocando-os para um contexto artístico. Ao colocar processos tecnológicos e artefactos em relações não convencionais e absurdas entre si, pretendo criar uma fissura nas suas funções normativas, refletindo sobre os seus papéis como próteses contemporâneas com as quais coexistimos numa ecologia híbrida.*

*Os meus processos de pesquisa e criação envolvem um equilíbrio entre abordagens qualitativas e quantitativas. Estou particularmente interessado na interação entre os dois pontos de vista aparentemente opostos e binários, esforçando-me para uma polinização cruzada em que um alimenta e complica o outro, e vice-versa.*

– Adam Basanta

<https://adambasanta.com/>

## ABYSSAL CREATURES (2023) FRANCESCO CAVALIERE

“Abyssal Creatures” é um projeto de Francesco Cavaliere que segue a linha narrativa dos seus escritos sobre “Povos de Vidro” com as suas criaturas fantásticas. Aqui se desenvolve uma nova saga inspirada nas imagens da flora marinha do abismo, hibridizadas com figuras arquetípicas do inconsciente humano. Estas criaturas, coaguladas em vidro, sob a forma de esculturas sonoras sopradas pelos mestres de Murano, manifestam-se pela primeira vez no Porto, no museu de Serralves, numa dimensão instalativa e performativa. Uma oportunidade de olhar para o universo etéreo e flutuante deste artista, suspenso entre a alquimia e a ficção científica, que desloca o conhecimento sobre a matéria e a natureza - da botânica à cristalografia - para uma dimensão poética, que vai além do pensamento cartesiano.

As “Criaturas Abissais” são um conjunto de esculturas em vidro de Murano, em vidro soprado, destinadas a representar outros seres, montadas como vasos comunicantes que formam um corpo sonoro, não bípede e distante de qualquer representação humana. Esses corpos abissais expandem a sua vida através de ressonâncias sonoras e vítreas. A música que flui dentro delas é como uma forma vascular abstrata, inspirando-se no xilema e nos sistemas linfáticos que algumas plantas possuem. O som, como seiva invisível, torna-os vivos, ilumina a sua presença. Cavaliere explica a sua fisiologia: “As Criaturas Abissais são ao mesmo tempo instrumentos musicais (tanto idiofones, como sinos, quanto aerofones, suscetíveis às vibrações do ar) e esculturas que parecem viver e soar ruído. Estas criaturas têm cores diferentes e as suas cavidades, buracos e aberturas são pontos para uma cascata musical. São como torneiras para abrir e fechar, com as quais criam composições musicais. Os elementos florais das esculturas e as formas curvilíneas constituem um conjunto de ressoadores sonoros cónico-cilíndricos, que abrigam sistemas de reprodução e difusão sonora.”

Em Serralves, as Criaturas Abissais ocupam o centro do espaço da galeria, irradiando som, como um grupo, um reino animal. Elas são animadas pelo artista que se hibridiza com elas como avatares. Do interior das três esculturas de vidro, montadas como vasos comunicantes, difunde-se uma composição sonora. Uma vida sonora, feita de altos e baixos temperamentais, de estase e ventilações, corre como seiva nas esculturas.

Esta instalação sonora é ativada por Cavaliere em duas apresentações sob diferentes condições lumínicas. Aqui ele realiza uma construção narrativa que envolve o aspeto musical do som.

‘Abyssal Creatures’ desenvolver-se-á durante 2023-24 ao longo de um processo produtivo e criativo que inclui vários eventos na Europa e nos EUA que consistem em ativações performativas, instalações e musicais do artista, entre o contar de histórias e a magia sonora.

Abyssal Creatures tem produção e curadoria de Xing e é apoiado pela Direção-Geral de Criatividade Contemporânea do Ministério da Cultura italiano no âmbito do programa do Italian Council (12ª edição, 2023), que visa promover a arte contemporânea italiana em todo o mundo.

Parceiros: Issue Project Room, Nova Iorque; Museu de Arte Contemporânea Serralves, Porto, VialIndustriae Publishing.

As obras produzidas irão integrar a coleção do Museo d’Arte della Città de Ravenna.

**Produção:** Xing

**Apoio:** Italian Council



italianCouncil  
Bringing you Contemporary Art to the World

Direzione Generale  
Creatività Contemporanea

**Francesco Cavaliere** é um artista visual, escritor e produtor sonoro nascido na Toscana, Itália, em 1980. Vive e trabalha entre Berlim e Turim. As suas obras são capazes de avivar os estados interiores dos ouvintes através de uma atividade polimórfica que combina escrita, som, voz, desenho, escultura. Juntos eles estimulam a imaginação, propulsionando longas viagens atravessadas por presenças efémeras. Cavaliere escreve histórias sonoras e músicas baseadas em partículas de som, ruído e linguagem, muitas vezes integradas com instalações e elementos cenográficos ou performance ao vivo, mostrando um gosto particular pelas mais diversas formas de exotismo. Ao longo dos anos desenvolveu um verdadeiro dicionário para catalogar os seres metamórficos que habitam o seu próprio universo abstrato de fantasia: híbridos de objetos, animais, plantas, planetas, trilhas, objetos cósmicos e fenômenos físicos e perceptivos gerados por vidros, minerais e vozes, gravados e realizado com tecnologias analógicas. “Sou um escriba falante... a minha voz é uma nuvem, a minha caneta sibila.”

De 2011 até hoje, Francesco Cavaliere produziu séries de performances, ações de luz e som, concertos, obras radiofônicas e audiovisuais, histórias em áudio, leituras no campo visual e musical, histórias em Realidade Aumentada. O seu trabalho foi exibido em museus, centros de arte e festivais internacionais, tais como: Museo Archeologico Nazionale di Napoli; Museu Cívico de História Natural, Milão; “Ti con zero”, Xing/ Palazzo delle Esposizioni, Roma; “Una Cosa Mostruosa”, Sacro Bosco di Bomarzo; Triennale Teatro, FOG, Milão; Festival LUFF, Lausane; Ambient Festival, Colónia; Live Arts Week/Xing, Bolonha; Festival Terraforma, Milão; RIBOCA1 Bienal Internacional de Riga, Riga; Issue Project Room, Nova Iorque; Café Oto, Londres; Helicotrema Recorded Audio Festival, rádio RAI 3, Milão; INFRA Festival, Tóquio; BOZAR, Bruxelas; 3HD Fest, HAU Habel am Ufer, Berlim; Empty Gallery, Honk Kong; 7ª Bienal de Berlim; Festival Les Urbaines, Lausane; Museu de Arte Contemporânea de Tóquio; festival

CTM, Berlim; Museu de Arte Contemporânea, Varsóvia; QO2 Bruxelas; Kraak, Gante; ART Brussels.

Exposições individuais no campo das artes visuais incluem: “Prodigy Kid” (2022), MAR Museo d’Arte della Città di Ravenna; “La Lince d’Ombra e Pietra Sponga” (2021), Una Boccata d’Arte, Fondazione Elpis e Galleria Continua, Vallo di Nera; “Anubis vs Baboon” (2019) Gluck 50, Milão; “Soffio Che Scotta” (2015), Xing/ Marsèlleria, Milão; “Lancio Meta Meteo” (2014), Grimmuseum, Berlim.

Participou em exposições coletivas, entre as quais: “Raymond et des Palmes” (2018), integrada na Manifesta 12, Palermo; “Green Music” (2017) Yamamoto Gendai Gallery, Tóquio; “The Glowing Glove” (2014) Museum of Contemporary Art, Roskilde; “Volta di Lame di Lune” (2012), Liverpool Biennale.

Francesco Cavaliere, também conhecido como Francis Knight, lançou, entre outros, o LP duplo “Gancio Cielo” (Hundebiss Records - para o qual também foi curador do projeto on-line “Musica Virtuale”), os LPs “Etrusca 3D” (Discrepant), “Zoomachia Disc 1” (Fantom Dischi) e “Sijuaq il Chiurlo veggente” (Poole music).

Também lançou em cassete e suporte digital as obras sonoras “Volta di Lame di Lune”, “Alata Onda”, “I films fan venire gli occhi rossi”, “IATO” (edição de autor) e “ENERGIA NUVOLA” (Troglosound), “Xylomania” (CN), “Doro Bengala” (Presto!?). Em dupla com Leila Hassan, enquanto Sea Urchin, lançaram os álbuns “Yaqaza” (Kraak rec), “Tahtib” (Bokeh Versions), “Natal Uranus” (Commend see, RVNG), e em dupla com Tomoko Sauvage o LP “Viridescence” (Marionette). Próximos lançamentos: “Popoli di Vetro” (Xing x Xong Collection), a k7 + livro “L’arco Infra le Nubi” (Canti Magnetici). Publicou os livros “Gancio Cielo DNA CLEPSYDRA” (edições NERO), “Anubis vs Baboon” (Lombardelli Ed, Gluck 50) e “Il Grillo Minerva” (ViaIndustriae). Colaborou

com artistas visuais, músicos e coreógrafos  
como Marcel Türkowsky, Elisabeth Kirche, Ignaz  
Schick, Ghédalia Tazartès, Invernomuto, Lievens  
Martens Moana/Dolphins Into The Future,  
Ruben Spini, Annamaria Ajmone, Spencer  
Clark, Leonardo Pivi, Christopher Kline,  
Amy Franceschini.

[www.instagram.com/cavaliere.circles7](https://www.instagram.com/cavaliere.circles7)  
[francescocavaliere.bandcamp.com](https://francescocavaliere.bandcamp.com)  
[soundcloud.com/f-cavaliere](https://soundcloud.com/f-cavaliere)



## **DESCENDANCE DU NU (2016)**

**JIMMY ROBERT**

A prática de Jimmy Robert oscila entre vários formatos: fotografia, desenho, vídeo, escultura e performance, campos em que investe com o seu corpo e voz. O título da obra "Descendance du nu" é uma referência direta à famosa pintura de Duchamp de 1912: "Nu descendo uma escada". Embora tenha causado um escândalo, esta pintura acabou por marcar uma grande viragem na história da arte e fez de Duchamp um dos pais da arte moderna e contemporânea. A esta figura paterna, Jimmy Robert liga mães, ou seja, artistas femininas que reproduziram à sua maneira o motivo do nu descendo uma escada: Elaine Sturtevant, Sherrie Levine e Louise Lawler, todas as três conhecidas por emprestarem a sua credibilidade à cópia e à apropriação, dinamizando questões de autoria e originalidade, ao transformarem a prática artística numa infinita recirculação de imagens.

Performando a história da arte, um corpo rastejante, no chão, vulnerável e tendo descido de vez por todas as escadas, provoca sentimentos confusos; a qualquer momento, é provável que o riso se torne o lado oculto do desejo.

## **Descendances du Nu, 2016**

**Instalação e Performance**

**Descendances du Nu (Velvet):** Veludo, tubo de ferro, tinta para automóveis.

**Descendances du Nu (Wood Panels with Prints):** Madeira, impressão jato de tinta. Coleção FRAC Grand Large - Hauts-de-France

**Descendances du Nu (Stair 1), Descendances du Nu (Stair 2):** Madeira, tinta acrílica.

**Descendances du Nu (Headpiece and Outfit):** máscara acolchoada em couro sintético, figurino com seis elementos, tecidos diversos. Cortesia do artista; Stigter van Doesburg, Amsterdão; Thomas Dane Gallery, Londres e Nápoles; e Tanya Leighton, Berlim e Los Angeles.

**Descendances du nu (sound composition),**

**2016, Ain Bailey:** Banda sonora  
Coleção Moderna Museet, Stockholm.

**Performer:** Corrado Di Lorenzo

**Agradecimentos:** FRAC Grand Large - Hauts-de-France, Moderna Museet, Stockholm, Tanya Leighton Gallery

**Apoio:** Esta obra é apresentada com o apoio do Institut Français e do projeto MaisFRANÇA, uma temporada concebida pelo Institut Français du Portugal com o apoio dos mecenas Claude & Sofia Marion Foundation, JC Decaux, BNP Paribas, Mexto e Credibom.

**MAIS FRANÇA**

**Jimmy Robert** nasceu em Guadalupe (FR) em 1975. Formou-se no Goldsmiths College em Londres e na Rijksakademie em Amsterdão.

A sua obra abrange performance, fotografia, filme, vídeo, desenho e colagem, muitas vezes fazendo colapsar as distinções entre esses media. O interesse de Robert em como o corpo pode ser personificado através de materiais, e o inverso, é uma força que integra o seu trabalho de longa data com performance com a sua prática mais ampla.

Robert foi objeto de uma exposição retrospectiva de meio de carreira, "Akimbo", na Nottingham Contemporary, em 2020, que viajou para o Museion, Bolzano e CRAC Occitanie, Sète. As suas exposições individuais incluem "Asymmetrical Grammar", Moderna Museet, Malmo (2023), "All dressed up and nowhere to go", Kunsthalle Baden-Baden (2022), "Frammenti", Thomas Dane Nápoles; "la musique dans la chambre", Künstlerhaus Bremen (2022); "Tobacco Flower", The Hunterian, Glasgow (2021); "Descendances du nu", La Synagogue De Delme, France (2018); "A clean line that starts from the shoulder", Museum M, Luvaina (2017); "Draw the Line", Power Plant, Toronto (2013); "Vis-à-vis", Museum of Contemporary Art, Chicago (2012); and 'Langue Matérielle, Jeu de Paume, Paris (2012). As performances de Robert foram também apresentadas na Tate Britain, em Londres; MoMA, Nova Iorque e Museu Migros, Zurique. Apresentou uma performance de grande escala na Performa 17 em Nova Iorque (2017). A sua recente performance "Joie Noire" estreou em 2019 no KW Institute of Contemporary Art, Berlim e viajou para o Kaaaitheater, Bruxelas e Centre national de la danse, Pantin-Paris.

## **BETWEEN COPPER AND ZINC (2023)** **KUNRAD**

“Between Copper and Zinc” é um instrumento modular que solta pequenos tubos ociosos de latão. Dispensadores contendo os tubos estão pendurados no teto de uma sala alta. Os tubos caem de acordo com uma composição, criando uma chuva musical.

O interesse de kunrad reside no som que vibra e canta destes tubos voadores, começando pela questão: “Qual é a sensação de estar dentro de um acorde musical?”

**Apoio:** Stroom Den Haag

**Stroom**  
**Den Haag**

O som é o elemento mais importante na obra de kunrad, que consiste em instalações, composições e performances.

**kunrad** (Koenraad L. de Groot) concluiu o Bacharelado em Composição de Música Eletrônica na Universidade das Artes de Utrecht e o Mestrado em Música na Interfaculty ArtScience em Haia. Apresentou trabalhos em eventos como o programa Proximity Music, organizado pelo iii no Rewire Festival, Haia, 2021; LekArt Air 2020; Art Rotterdam, 2020; e Paper Art Biennial 2019 CODA museum, Apeldoorn Kraakwerken.

Recebeu uma menção honrosa no Sonotopia Preis 2019, Bonn, Alemanha, e foi o vencedor dos prêmios Academy Master award 2018 e KABK ArtScience Master da Royal Academy of the Arts The Hague.

kunrad vive, atualmente, entre Haia e Utrecht.

*Como artista tento ampliar o valor do cotidiano. A cada momento do dia procuro estar aberto à descoberta de coisas novas. Pretendo iluminar os pequenos sons e fenômenos que nos rodeiam no dia-a-dia. Uma pessoa que sussurra é mais fácil de entender do que alguém que grita. Ao deixar o trabalho sussurrar, procuro capturar a atenção dos visitantes através da curiosidade; eles devem participar ativamente para vivenciar o trabalho.*

*É com base nesta participação ativa que eu quero que os visitantes conheçam a obra. A história do meu trabalho é criada a partir da experiência do visitante. Como artista, pergunto-me:*

*“Como deixar que uma única gota d’água tenha o impacto de uma cascata?”*

<http://www.kunrad.net/>

## CONVERSATION AMONG ANIMALS, 2023

### SVENJA TIGER

Svenja Tiger é uma jovem artista alemã que atualmente vive e trabalha no Porto. O seu trabalho recorre habitualmente a técnicas ancestrais, nomeadamente a tapeçaria, para abordar temas tão atuais quanto a (in) distinção entre humano e animal ou imaginários relacionados com a crescente precariedade da vida no planeta Terra. O conceito desta performance tem justamente origem numa pesquisa visual e poética sobre o encontro entre humanos e não-humanos. Tiger interessa-se pela forma como os outras espécies têm sido olhados por nós, e como as ideias de humano e de conhecimento podem ser alteradas por uma desierarquização dessa relação – no fundo, tenta responder à conhecida frase formulada por Jacques Derrida: “And say the animal responded.”

Na sua performance tenta-se criar um espaço de interseção entre o mundo animal e o mundo humano (um lugar porventura já existente, mas de certa forma interrompido). Nela, o olhar das espécies serve para criar imaginários, talvez utopias futuras não-humanas, onde nadam peixes de plástico em mares de acrílico. Onde panteras em pedra respiram ar sem ar. Regista-se o encontro de dois animais num diálogo abstrato, onde os pensamentos e observações flutuam e onde a palavra “animal” pode finalmente designar todos os seres vivos, nós incluídos.

A componente textual da performance é criada em colaboração com a escritora Lucie Fortuin.

Svenja Tiger nasceu em 1990 em Berlim e vive e trabalha no Porto desde 2011. Formou-se no Porto em Estudos Teatrais pela ESMAE e realizou mestrado em Práticas Artísticas Contemporâneas na FBAUP.

Na sua prática artística experimenta com instalações, fotografia, desenho e performances, explorando temas maioritariamente ligados à mitologia pessoal e cultural, narrativas ficcionais e ficção científica. Ela investiga como as nossas narrativas privadas estão profundamente enraizadas nas narrativas e no folclore antigos e, inversamente, como estes têm a capacidade de nos contar histórias íntimas e confidenciais sobre nós mesmos. Tiger tem uma forte vontade de ligar as suas pesquisas aos lugares que visita, a fim de se envolver com as estruturas, criaturas e fenómenos ocultos que aí possam existir. O principal meio de experimentação e produção de Tiger é o mundo material dos têxteis. Ela está especialmente interessada em examinar como o uso e reutilização permanente de têxteis pode servir para refletirmos sobre nós mesmos e como a sua transformação e reconfiguração pode servir de espelho sobre questões sociais e ecológicas. O corpo é frequentemente um motor importante para o trabalho de Svenja Tiger, enquanto matéria e energia que ocupa o centro das interações entre a nossa existência física, o nosso entorno e todas as forças invisíveis conectadas/conectantes.

Svenja Tiger apresentou trabalhos na Bienal de Arte de Cerveira em 2018, no Anuário 20 (organizado pela Galeria Municipal do Porto) e na Bienal de Arte Contemporânea da Maia em 2021. Teve exposições individuais na Galeria Geralde da Silva e na Galeria do Sol. no Porto. Colabora regularmente com artistas de diversas áreas, como Francisco Babo, Irina Pereira, Kauê Gindri, Angélica Salvi, entre outros.

<https://svenjatiger.com/>

## MANUAL FOCUS (2003)

### METTE INGVARSTEN

“Manual Focus” é um virar dos rostos a 180 graus, braços e pernas invertidos e o trocar da frente pela parte posterior do corpo. Troca de corpos de animais, criaturas desorganizadas para humanos sem cabeça e outras categorias sem nome. Máscaras de homens velhos na nuca de três mulheres nuas transformam-nas num organismo de 12 patas, obliterando a sua identidade ao cobrir o seu verdadeiro rosto com a artificialidade de uma máscara. Não é o monstro em si, mas sim as conexões monstruosas entre nu/mascarado, artificial/real, masculino/feminino que produzem um olhar desfamiliarizado sobre corpos que conhecemos. Monstros não são uma espécie com a qual nos possamos familiarizar, eles desaparecem e fogem, desfocados.

**Concepção:** Mette Ingvarsten

**Criado e interpretado por:** Manon Santkin, Kajsa Sandström & Kaya Kolodziejczyk

**Produção em:** P.A.R.T.S. (Brussels), 2003

**Agradecimentos:** Bojana Cvejic & Peter Lenaerts

**Mette Ingvarsten** é uma coreógrafa e performer dinamarquesa. Iniciou em 1999 os seus estudos em Amsterdão e Bruxelas onde, em 2004, se formou na escola de artes cénicas P.A.R.T.S.. Obteve o grau de doutoramento em coreografia pela UNIARTS/Lunds University, na Suécia.

O trabalho de Ingvarsten caracteriza-se pelo hibridismo e explora a extensão das práticas coreográficas, combinando dança e movimento com outros domínios como as artes visuais, a tecnologia, a linguagem e a teoria.

As suas primeiras peças, começando com a sua primeira performance, “Manual Focus” (2003), realizada enquanto ainda estudava, questionam o afeto, a perceção e a sensação em relação à representação corporal.

Uma importante vertente do seu trabalho foi desenvolvida entre 2009 e 2012 com “The Artificial Nature Series”, onde se concentrou na reconfiguração das relações entre a agência humana e não humana através da coreografia.

Em contraste, a sua série posterior, “The Red Pieces”, inscreve-se numa história da performance humana com foco na nudez, na sexualidade e na forma como o corpo tem sido, historicamente, um lugar de lutas políticas.

Em 2019, estreou “Moving in Concert”, uma coreografia de grupo abstrata que se foca no entrelaçamento entre humanos, ferramentas tecnológicas e matérias naturais.

Em 2021, Mette Ingvarsten apresentou dois novos projetos: “The Life Work”, um projeto *in situ* com idosos na região do Ruhr, na Alemanha, que aborda questões de migração. E um novo solo, “The Dancing Public”, inspirado no fascínio pelas manias das danças ao longo da história.

“Skatepark”, uma performance em grande escala para skaters, bailarinos e comunidades locais de um parque de skate, estreou em 2023.

Para 2024, está a preparar “Rush”, uma performance a solo de Manon Santkin que se baseia em 20 anos de colaboração.

Ingvartsen fundou a sua companhia em 2003 e, desde então, o seu trabalho tem sido apresentado em toda a Europa, bem como nos EUA, Canadá, Austrália e Ásia. Foi artista residente no Kaaitheater em Bruxelas (2012-2016), no Volksbühne em Berlim e associada à rede APAP.

Além de criar, interpretar, escrever e dar palestras, a sua prática também inclui ensinar e partilhar pesquisas por meio de workshops com estudantes de universidades e escolas de arte. Colaborou com Xavier Le Roy, Bojana Cvejic, Jan Ritsema e Boris Charmatz, e investiu em projetos de investigação coletiva como a plataforma artística *EVERYBODYS* (2005-2010) para a qual co-editou as *everybodys publications*, mas também o projeto educativo *Six Months, One Location* (2008) e a conferência performativa “The Permeable Stage”.

<https://www.metteingvartsen.net/>

## ALPHABET (2005/12)

PAULINA OLOWSKA

“Alphabet” de Paulina Ołowska foi inspirado no livro intitulado “ABECEDA” de Karel Teige, figura-chave da vanguarda checa que criou em 1926 o experimental “alfabeto em movimento”, em colaboração com Milca Mayerova.

Referindo-se ao projeto de Teige, Paulina Ołowska combina o ritmo com o fascínio construtivista pela tipografia e aponta para a função retórica da dança: três performers organizam os seus corpos para formar 26 letras, de A a Z e, confrontando o alfabeto da língua escrita com o “alfabeto” de gestos e movimentos, criam um novo sistema de expressão de significados.

**Performers:** Sofia Kafol, André Mendes, Elisabeth Lambeck

**Leitora:** Maria do Céu Ribeiro

Paulina Ołowska nasceu em 1976 em Gdansk, Polónia, e vive e trabalha em Rabka Zdroj e Cracóvia. Estudou na School of the Art Institute of Chicago (SAIC) de 1995 a 1996. Entre 1997 e 2000 estudou pintura e artes gráficas no departamento de pintura da Academia de Belas Artes de Gdańsk. Recebeu bolsas de prestigiadas instituições artísticas de Haia, Lisboa, Kitakyushu e Amesterdão.

Paulina Ołowska trabalha frequentemente com referências do passado que aparecem nas suas peças como fantasmas e aparições, vibrações de outra época que interferem nas suas criações pictóricas. Interessa-se pela utopia artística do modernismo, que pode ser encontrada nos princípios da primeira Bauhaus, nos círculos dos construtivistas russos ou na busca criativa da vanguarda europeia no início do século XX. Encontra igualmente inspiração na arte das décadas de 1960 e 1970.

Ołowska fez exposições individuais na Kunsthalle Basel; o Museu Stedelijk, Amsterdã; e a Galeria Nacional de Arte Zacheta, Varsóvia. Recebeu o prestigiado Aachen Art Prize em 2014, com uma exposição associada no Ludwig Forum for International Art, Aachen, Alemanha. Também apresentou performances na Tate Modern, no Carnegie International e no MoMA de Nova Iorque. Ołowska apresentou o ballet Slavic Goddesses—A Wreath of Ceremonies no The Kitchen, Nova York, em 2017 e Slavic Goddesses and The Ushers no Museo del Novecento em Milão em 2018. O seu trabalho foi apresentado em 2017 na National Gallery of Victoria Triennial em Melbourne e na Liverpool Biennial de 2018, bem como em exposições coletivas no Museu de Arte Moderna de Varsóvia; mumok, Viena; Hamburger Kunsthalle, Hamburgo; Migros Museum Für Gegenwartskunst, Zurique; e no New Museum, Nova Iorque.

## **CANÇÃO NOVA (2023)**

### **ANDRÉ GUEDES WITH DIOGO ALVIM**

A produção artística de André Guedes (Lisboa, 1971) divide-se entre as artes visuais e as artes performativas. As suas obras, entre instalações, performances, cenografia e projetos editoriais, constroem-se - na esteira da arte conceptual dos anos 1960-70 - a partir de um aturado trabalho de pesquisa documental. É o caso de "Canção nova", o projeto concebido especificamente para esta edição de O Museu como Performance. Pensada para o auditório do museu, a obra joga com as expectativas dos espectadores - propondo desde logo formas inéditas de aceder ao espaço e de o ocupar -, ao mesmo tempo que propõe relações entre referências aparentemente tão díspares quanto canções de trabalho, alfaias agrícolas e imagens do ensaio de uma peça de teatro num Teatro Aberto (Lisboa) ainda por inaugurar. Aquilo que aglutina estas referências são noções de trabalho coletivo: o coro que canta as canções de trabalho rural da zona do Ribatejo, o conjunto de performers que executam ações (nomeadamente manipulando os objetos em palco e arrancando algumas cadeiras da plateia), as fotografias do ensaio de uma peça de teatro ("O Círculo de Giz Caucasiano", de Bertolt Brecht - peça encenada por João Lourenço e escolhida para inaugurar o Teatro Aberto em 1976), falam de um esforço conjunto, em que a unidade (o indivíduo) serve o todo, um objetivo comum. Digamos que, e esta é uma característica constante na prática artística de André Guedes, esta "Canção nova" constitui-se "como uma reflexão sobre a atividade humana na conceção do espaço e das organizações sociais e políticas".

**Conceção e direção:** André Guedes

**Criação musical e sonora:** Diogo Alvim

**Desenho de luz:** Luís Silva

**Cantores:** Joana Costa, João Oliveira, Henrique Vale, Sofia Machado

**Performers:** Ana Rocha, Catarina Lacerda, Joclécio Azevedo, Vera Santos

**Produção:** Comum Inconfessável, Associação cultural.

Uma encomenda da Fundação de Serralves no âmbito da 9ª edição de O Museu como Performance, 2023.

**Agradecimentos:** Carlos Melo e Rui Duarte (CIMPOR, Alhandra), Carlos Bártoło, Inocêncio Casquinha, João Lourenço (Teatro Aberto, Lisboa), José Alberto Sardinha, Miguel Castro Caldas, Miguel Pereira, Nathan Jones (texto Carta às Fábricas), Neusa Trovoada, Paula Loura Batista e David Santos (Museu do Neo-Realismo, Vila Franca de Xira), Rita e António Pote (Rancho Folclórico da Casa do Povo de Glória do Ribatejo), Roberto Caneira (Núcleo Museológico de Salvaterra de Magos).

Materiais documentais gentilmente cedidos pelo arquivo do Teatro Aberto/Companhia Novo Grupo.



**André Guedes** (Lisboa, 1971) é licenciado em Arquitetura pela FA/Universidade Técnica de Lisboa. Frequentou a pós-graduação em Antropologia do Espaço na Universidade Nova de Lisboa. Participou em diversos programas de residência de criação, nomeadamente: Gasworks (Londres, 2011), Nosadella.due (Bologna, 2007), Le Pavillon / Palais de Tokyo (Paris, 2004/2005), Fondazione Pistoletto/ Cittadellarte (Biella, 2003). Em 2007 recebeu o Prémio de Artes Plásticas União Latina.

Entre as exposições e performances individuais destacam-se: “Formas Antigas, Novas Circunstâncias”, Galeria Vera Cortês, Lisboa (2019); “Pleasure Gardens”, Kunsthalle Lissabon, Lisboa (2011/2012); “Hoxe comezamos a falar”, Colexio de Fonseca, Santiago de Compostela (2011); “L’argent”, Galerie Crèvecoeur, Paris (2010); “The Losts”, The Bluecoat, Liverpool (2009); “AIROTIV”, Vitoria, Centro Cultural Montehermoso, Vitoria-Gasteiz, Espanha (2009); “Better Days, For These Days” (2008), Galeria Lisboa 20; Informações/ Information (2007), Chiado 8, Lisboa; “Better Days” (2007), Museo Internazionale della Musica, Bolonha; “O jardim e o casino, a praia e a piscina” (2005), Galeria Lisboa 20, Lisboa; “Outras árvores, outro interruptor, outro fumador e uma peça preparada” (2004/2005), Museu de Serralves, Porto; “SlowMotion” (2003), ESTGAD, Caldas da Rainha.

Nas exposições coletivas destacam-se: “A Sexta Parte do Mundo”, Museu do Neo-Realismo, Vila Franca de Xira (2017); “Play”, Galeria Quadrum, Lisboa (2011); “I’m not here. An exhibition without Francis Alys”, De Appel, Amsterdão (2010); “Practising Memory”, Fondazione Pistoletto, Biella, Itália (2010); “World Question Centre”, 2ª Bienal de Atenas (2009); “The Clearing”, Prague Triennale, Praga (2008); “El Medio Es El Museo” (2008), “Koldo Mitxelena”, San Sebastián; “Disarming Matter” (2008), Dunkers Kulturhus, Helsingborg, Suécia; Prémio de Artes Plásticas União Latina, Culturgest, Lisboa (2007); “Por Entre as Linhas”, Museu das Comunicações, Lisboa (2007); “La Ciudad

Interpretada” (2006), Santiago de Compostela; “The Final Cut” (2005), Palais de Tokyo, Paris; “Otras Alternativas” (2003), MARCO, Vigo; “Partituras e Paisagens” (2002), Festival Danças na Cidade / Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; Festival Brrr Live Art (2001), Porto.

Realizou a conceção espacial das seguintes obras coreográficas: “Hors Sujet Ou Le Bel Ici” (2007) de Martine Pisani; “como rebolar alegremente sobre um vazio interior” (2001) de Vera Mantero para o Ballet Gulbenkian; “Notas para um espetáculo invisível” (2000) de Miguel Pereira; “Contract with the skin” (2000) de Paulo Henrique. Concebeu diversos projetos cénicos a solo ou em colaboração com Miguel Loureiro e a companhia de teatro Cão Solteiro. Foi o curador convidado da edição de 2020 do Festival Internacional de Dança Cumplicidades.

O artista vive e trabalha em Lisboa.

**Diogo Alvim** trabalha entre a música e as artes sonoras, explorando as suas interações com a arquitetura, contextos específicos e outras artes. Tem interesse em expandir a prática da composição sonora como dispositivo de pesquisa e transformação.

Estudou arquitetura e composição em Lisboa e fez um doutoramento em composição e artes sonoras no Sonic Arts Research Center da Queen's University Belfast. A sua investigação explorou diferentes relações entre música e arquitetura.

Diogo Alvim leciona artes sonoras na Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha e é investigador integrado do CESEM, FCSH-NOVA.

Tem desenvolvido colaborações com artistas plásticos, artistas de som, coreógrafos e encenadores.

Apresentou trabalhos em vários contextos, dos quais se destacam: Festival Temps d'Images 2023 ("Os Passos em Volta - Alcântara", um passeio performativo com Joana Braga); Festival Musica Viva 2023 ("Jogo Duplo" para o Sond'Ar-te Trio); Arquitectura dos sons - concerto integrado nas comemorações do centenário de Iannis Xenakis com a obra *Posição Relativa* (Gulbenkian Foundation 2023); "Territórios Nómadas", NOVA-FCSH (com Joana Braga, 2022); Danças na Cidade - RTP/CNB (2022 para uma peça de Tânia Carvalho); "Campo Próximo", instalação e concerto no Convento São Francisco em Coimbra (com Matilde Meireles 2020); música para "S", de Tânia Carvalho para a CNB, com a Orquestra Sinfónica Portuguesa (2018); Festival Música Viva 2013 e 2018 (Miso Music Portugal); Chantiers d'Europe - Theatre de la Ville (artista em residência na Cité Internationale des Arts, Paris, 2018)CNEAI, Pantin, França (para uma peça de Ramiro Guerreiro, 2017); "Do Liminar#6" (Galeria Zaratan, Lisboa, 2016); Sonorities Festival 2015 (com o Royal String Quartet); Belfast Festival 2014 (com Matilde Meireles); "Sounding Cities - Invisible Places" (Viseu, 2014)Ibrasotope#60 e Museu de Arte

Contemporânea da Universidade de São Paulo (Brasil, 2014); Notation in Contemporary Music (Goldsmiths University, Londres, 2013); ICMC2012 Liubliana (com o coletivo Unlikely Places); ISMIR 2012 (Porto); Prémio Jovens Músicos 2009 (encomenda da Antena 2/ RTP); Festival Synthèse 2009, em Bourges; Festival Música Portuguesa Hoje, no CCB em Lisboa (2008); os 6.º e 7.º Workshops da Orquestra Gulbenkian para Jovens Compositores (2008 e 2009).

<https://diogoalvim.com/>

## **A LARGE INSCRIPTION, A GREAT NOISE (2019)**

**ADAM BASANTA**

'A Large Inscription, A Great Noise' investigates notions of historical time and time-keeping, cycles of construction and destruction in an era of mass communication, automation through mechanical kineticism, and the modalities of its resulting trace.

In 'A Large Inscription', a microphone stand is dragged over a field of gravel; an indispensable instrument of the modern demagogue is knocked over like an overrun statue. Rotating slowly, it leaves behind an evolving elegant trace with no beginning or end.

In contrast to this continuous gesture, 'A Great Noise' punctuates the passage of time with a Sisyphean physicality: a microphone encased in a cement block is lifted and dropped, slamming against a larger base. Like mechanically-operated durational performance art, the visceral force evokes tension of the microphone's inevitable fate, whether that means succumbing to a violent end or breaking free of its shackles.

## **SMALL MOVEMENTS (2016-)**

**ADAM BASANTA**

'Small Movements' is a physical sound performance using tuned microphone feedback, modified amplification techniques, and kinetic elements. All sounds are created through the physical interaction of handheld microphones, speaker cones, custom software, and physical filters.

The performance relies on small movements, small changes in the relationship between performer and technologies, and technologies to one another, creating a sense of mystery and wonder as to how the musical results are achieved.

Presented with the support of Canada Council for the Arts.

**Adam Basanta** (b. 1985, Tel Aviv) lives and works in Montreal. He holds a BFA in Music composition from Simon Fraser University (Vancouver BC CAN) and an interdisciplinary Research-Creation MA in Fine Arts (Concordia University, Montreal QC CAN)

Basanta's work has been exhibited in various international galleries and institutions, such as Carrol / Fletcher Gallery, London, UK; Fotomuseum Winterthur; National Art Centre Tokyo; American Medium Gallery, New York; New Media Gallery, New Westminster; Moscow Biennale for Young Art; Serralves Museum, Porto; Edith- Russ-Haus für Medienkunst, Oldenburg; and The Center for Contemporary Arts Santa Fe. Basanta has been awarded several international prizes, including the Japan Media Arts Prize (2016), the Aesthetica Art Prize (2017) and Prix Pierre Ayot (2019).

As an experimental composer and performer, his concert music, live performances, and sound recordings are presented worldwide, including appearances in events such as the MATA Festival (NYC), Gaudeamus Musicweek (NL), CTM Festival (GER), Akousma Festival (CAN), and Mutek Festival (CAN).

*My work investigates technology - a continuous spectrum spanning from mud-brick to machine learning - as a meeting point of concurrent, overlapping systems; a nexus of cultural, computational, biological, and economic forces. In uncovering, augmenting, and creating systems of entanglement, I am trying to uncover a sense of "liveness" or dynamism resulting from the unpredictable performances of various actants pulling independently in collective balance. The works are visual, but equally, choreographic and performative.*

*Through a variety of media - installation, kinetic sculpture, sound, and computational image-making - I often employ commercial technological readymades as a core*

*vocabulary, displacing them into an artistic context. Placing technological processes and artifacts in unconventional and absurd relationships to one another, I aim to create a fissure in their normative functions, reflecting on their roles as contemporary prosthetics with which we co-exist in a hybrid ecology.*

*My research and creation processes involve a balance of qualitative and quantitative approaches. I am particularly interested in the interplay between the two seemingly polar-opposite, binary viewpoints, and strive towards a cross-pollination in which one feeds and complicates the other, and vice versa.*

– Adam Basanta

<https://adambasanta.com/>

## ABYSSAL CREATURES (2023) FRANCESCO CAVALIERE

'Abyssal Creatures' is a project by Francesco Cavaliere following the narrative of a group of creatures from his fantasy writing about Peoples of Glass. Here a new saga is developed inspired by the images of the marine flora of the abyss, hybridized with archetypal figures of the human unconscious. These creatures, coagulated on glass, in the form of sound sculptures blown by Murano masters, manifest themselves for the first time in Porto, at the Serralves Museum, in an installative and performative dimension. An opportunity to look out onto this artist's ethereal and fluctuating universe, suspended between alchemy and science-fiction, which relocates knowledge about matter and nature - from botany to crystallography - in a poetic dimension, which goes beyond measured thought.

Abyssal Creatures are an ensemble of Murano glass sculptures, in blown glass, designed to represent other beings, assembled like communicating vessels that form a sounding body, non-bipedal and far from any human representation. These abyssal bodies expand their life through sound and vitreous resonances. The music that flows inside them is like an abstract vascular form, drawing inspiration from the Xylem and the lymphatic systems that some plants possess. The Sound, as an invisible sap makes them alive, lights up their presence. Here is their physiology according to Cavaliere: "The Abyssal Creatures are at the same time musical instruments (both idiophones, such as bells, and aerophones, susceptible to air vibrations) and sculptures that seem to live and sweat noise. The creatures are in different colors, and their cavities, holes and openings are points for a musical cascade. They are like taps to open and close, with which create musical compositions. The floral elements of the sculptures and the curvilinear shapes constitute a set of conical-cylindrical sound resonators, which host sound reproduction and diffusion systems."

In Serralves, the Abyssal Creatures stand at the center of the gallery space, radiating sound, like a group, an animal kingdom. They are animated by the artist who hybridizes with them as avatars. From within the three glass sculptures, assembled like communicating vases, a sound composition is diffused. A sonic life, made up of moody ups and downs, of stasis and ventilations, runs like sap in the sculptures. This sound installation is activated by Cavaliere in two appearances under different light conditions. Here he performs a narrative construction that surrounds the musical aspect of sound.

'Abyssal Creatures' will develop during 2023-24 along a productive and creative process which includes various events in Europe and the USA consisting of performative, installation and musical activations by the artist, between storytelling and the sound magic.

'Abyssal Creatures' is produced and curated by Xing, supported by the Directorate-General for Contemporary Creativity of the Italian Ministry of Culture under the Italian Council program (12th edition, 2023), which aims to promote Italian contemporary art worldwide. Partners: Issue Project Room, New York; Serralves Museum of Contemporary Art, Porto; ViaIndustriae Publishing. The artworks will become part of the collection of Museo d'Arte della Città of Ravenna.

**Production:** Xing  
**Support:** Italian Council



**italianCouncil**  
Ministero del Turismo e del Commercio del 19° secolo

**Direzione Generale**  
**Creatività Contemporanea**

**Francesco Cavaliere** is a visual artist, writer and sound producer born in Tuscany, Italy, in 1980. He lives and works between Berlin and Turin. His works are capable of enlivening his listeners' inner states through a polymorphic activity that combines writing, sound, voice, drawing, sculpture, which together stimulate the imagination, undertaking long journeys crossed by ephemeral presences. He writes sound stories and music based on particles of sound, noise and language, often integrated with installation and scenographic elements or live performance, showing a particular taste for the most diverse forms of exoticism. Over the years he has developed a veritable dictionary to catalogue the metamorphic beings that inhabit his own abstract fantasy universe: hybrids of objects, animals, plants, planets, trails, cosmic objects and physical and perceptual phenomena generated by glass, minerals and voices, recorded and performed with analog technologies. "I am a talking scribe ... my voice is a cloud, my pen hisses."

From 2011 to today, Francesco Cavaliere has produced series of performances, light and sound actions, concerts, radio and audio-visual works, audio stories, readings in the visual and musical field, Augmented Reality stories. His work has been shown in museums, art centers and international festivals including: Museo Archeologico Nazionale di Napoli; Museo Civico di Storia Naturale, Milano; 'Ti con zero', Xing/Palazzo delle Esposizioni, Roma; 'Una Cosa Mostruosa', Sacro Bosco di Bomarzo; Triennale Teatro, FOG, Milano; LUFF Festival, Lausanne; Ambient Festival, Cologne; Live Arts Week/Xing, Bologna; Terraforma Festival, Milano; RIBOCA1 Riga International Biennial, Riga; Issue Project Room, New York; Cafè Oto, London; Helicotrema Recorded Audio Festival, RAI radio 3, Milan; INFRA FESTIVAL, Tokyo; BOZAR, Bruxelles; 3HD Fest, HAU Habel am Ufer, Berlin; Empty Gallery, Honk Kong; 7TH Berlin Biennale; Les Urbaines Festival, Lausanne; Museum of Contemporary Art di Tokyo; CTM festival Berlin; Museum of

Contemporary Art, Warsaw; QO2 Bruxelles; Kraak Ghent; ART Brussels.

Solo exhibitions in the visual field include: 'Prodigy Kid' (2022), MAR Museo d'Arte della Città di Ravenna; 'La Lince d'Ombra e Pietra Sponga' (2021), Una Boccata d'Arte, Fondazione Elpis e Galleria Continua, Vallo di Nera; 'Anubis vs Baboon' (2019) Gluck 50, Milan; 'Soffio Che Scotta' (2015), Xing/Marsèlleria, Milan; 'Lancio Meta Meteo' (2014), Grimmuseum, Berlin.

Group exhibitions include: 'Raymond et des Palmes' (2018), part of Manifesta 12, Palermo; 'Green Music' (2017) Yamamoto Gendai Gallery, Tokyo; 'The Glowing Glove' (2014) Museum of Contemporary Art, Roskilde; 'Volta di Lame di Lune' (2012), Liverpool Biennale.

Francesco Cavaliere, also known as Francis Knight, has released, amongst others, the double LP 'Gancio Cielo' (Hundebiss records - for which he also curated the on-line project 'Musica Virtuale'), the LPs 'Etrusca 3D' (Discrepant), 'Zoomachia Disc 1' (Fantom Dischi), 'Sijuaq il Chiurlo veggente' (Poole music). He also released on cassette and digital the sound works 'Volta di Lame di Lune', 'Alata Onda', 'I films fan venire gli occhi rossi', 'IATO' (self productions) and 'ENERGIA NUVOLA' (Troglosound), 'Xylomania' (CN), 'Doro Bengala' (Presto!?). In duo with Leila Hassan as Sea Urchin, they released the albums 'Yaqaza' (Kraak rec), 'Tahtib' (Bokeh versions), 'Natal Uranus' (Commend see, RVNG), and in duo with Tomoko Sauvage the LP 'Viridescence' (Marionette). Forecoming releases: 'Popoli di Vetro' (Xing x Xong Collection), the tape + booklet 'L'arco Infra le Nubi' (Canti Magnetici). He published the books 'Gancio Cielo DNA CLEPSYDRA' (NERO editions), 'Anubis vs Baboon' (Lombardelli Ed, Gluck 50) and 'Il Grillo Minerva' (VialIndustriae). He has collaborated with visual artists, musicians and choreographers such as Marcel Türkowsky, Elisabeth Kirche, Ignaz Schick, Ghédalia Tazartès, Invernomuto, Lievens Martens

Moana/Dolphins Into The Future, Ruben Spini,  
Annamaria Ajmone, Spencer Clark, Leonardo  
Pivi, Christopher Kline, Amy Franceschini.

[www.instagram.com/cavaliere.circles7](https://www.instagram.com/cavaliere.circles7)  
[francescocavaliere.bandcamp.com](https://francescocavaliere.bandcamp.com)  
[soundcloud.com/f-cavaliere](https://soundcloud.com/f-cavaliere)

## DESCENDANCE DU NU (2016)

JIMMY ROBERT

Jimmy Robert's practice oscillates between various formats: photography, drawing, video, sculpture and performance, all fields he invests with his body and voice. The title of the work 'Descendance du nu' is a direct reference to Duchamp's famous 1912 painting: 'Nude Descending a Staircase'. Though it caused a scandal, the painting nevertheless marked a major turning point in the history of art and made Marcel Duchamp into one of the fathers of modern and contemporary art. To this father figure, Jimmy Robert links mothers, that is to say female artists who in their own way reproduced the motif of the nude descending a staircase: Elaine Sturtevant, Sherrie Levine and Louise Lawler, all three of whom were known for lending their credibility to copies and appropriation, dynamiting questions of authorship and originality, by transforming artistic practice into an infinite recirculation of images.

Performing the history of art, a crawling body, on the ground, vulnerable and having descended the staircase for good, provokes confused feelings; at any moment, laughter is liable to become the hidden side of desire.

## Descendances du Nu, 2016

Installation and Performance

**Descendances du Nu (Velvet):** velvet, iron tube, automobile paint.

**Descendances du Nu (Wood Panels with Prints):** Wood, inkjet prints.

In the collection of FRAC Grand Large - Hauts-de-France

**Descendances du Nu (Stair 1), Descendances du Nu (Stair 2):** Wood, acrylic paint.

**Descendances du Nu (Headpiece and Outfit):** padded mask in faux leather, outfit in six elements, various fabrics.

Courtesy of the artist; Stigter van Doesburg, Amsterdam; Thomas Dane Gallery, London and Napoles; and Tanya Leighton, Berlin and Los Angeles.

**Descendances du nu (sound composition), 2016, Ain Bailey:** soundtrack.

In the collection of Moderna Museet, Stockholm.

**Performer:** Corrado Di Lorenzo

**Acknowledgements:** FRAC Grand Large - Hauts-de-France, Moderna Museet, Stockholm, Tanya Leighton Gallery

**Support:** This piece is presented with the support of Institut Français and MaisFRANÇA project, a season conceived Institut Français du Portugal with the support of Claude & Sofia Marion Foundation, JC Decaux, BNP Paribas, Mexto and Credibom.

**MAIS** FRANÇAIS  
**FRANÇA**



**Jimmy Robert** was born in Guadeloupe (FR) in 1975. He was educated at Goldsmiths College in London and the Rijksakademie in Amsterdam.

His oeuvre encompasses performance, photography, film, video, drawing and collage, often collapsing distinctions between these mediums. Robert's interest in how the body can be personified through materials and the reverse is a force that integrates his longtime work with performance with his larger practice.

Robert was the subject of a mid-career survey at Nottingham Contemporary in 2020, 'Akimbo', which travelled to Museion, Bolzano and CRAC Occitanie, Sète. His solo exhibitions include 'Asymmetrical Grammar', Moderna Museet, Malmo (2023), 'All dressed up and nowhere to go', Kunsthalle Baden-Baden (2022), 'Frammenti', Thomas Dane Naples; 'la musique dans la chambre', Künstlerhaus Bremen (2022); 'Tobacco Flower' The Hunterian, Glasgow (2021); 'Descendances du nu', La Synagogue De Delme, France (2018); 'A clean line that starts from the shoulder', Museum M, Leuven (2017); 'Draw the Line', Power Plant, Toronto (2013); 'Vis-à-vis', Museum of Contemporary Art, Chicago (2012); and 'Langue Matérielle, Jeu de Paume, Paris (2012). Robert's performances have also been presented at Tate Britain, London; MoMA, New York and Migros Museum, Zurich. He has presented a large-scale performance at Performa 17 in New York (2017). His recent performance 'Joie Noire' premiered in 2019 at KW Institute of Contemporary Art, Berlin and travelled to Kaaitheater, Brussels and Centre national de la danse, Pantin-Paris.

## BETWEEN COPPER AND ZINC (2023)

KUNRAD

'Between Copper and Zinc' is a modular instrument that drops small, hollow brass tubes. Dispensers containing the tubes are hung throughout the ceiling of a tall room. The tubes fall in a composed manner, creating a musical rain.

kunrad's interest lies in the singing, buzzing sound that the flying tubes produce, starting from the point: "How does it feel to be inside a music chord?"

Support: Stroom Den Haag

**Stroom  
Den Haag**

Sound is the most important element in kunrad's work, which consists of installations, compositions and performances.

**kunrad** (Koenraad L. de Groot) has completed the Bachelor of Music in Composition of Electronic Music at the University of the Arts, Utrecht, and the Master of Music at the Interfaculty ArtScience in The Hague.

He has presented works at events such as the programme Proximity Music, organized by iii within Rewire Festival, The Hague, 2021; and at events such as LekArt Air 2020; Art Rotterdam, 2020; Paper Art Biennial 2019 CODA museum, Apeldoorn Kraakwerken.

He was awarded an honorary mention at the Sonotopia Preis 2019 Bonn, Germany and won the Academy Master award 2018 and KABK ArtScience Master award 2018 of the Royal Academy of the Arts The Hague.

kunrad is currently based in The Hague and Utrecht.

*As an artist I try to increase the value of the everyday. Every moment of the day I try to be open to discover new things. I aim to illuminate the small sounds and phenomena that surrounds us in our daily life. A person that whispers is better to understand than someone that screams. By letting the work whisper, I try to engage the visitor through curiosity; they must actively participate in order to experience the work.*

*Based on this active participation, I want visitors to discover the work. The story of my work is created from the experience of the visitor. As an artist I ask myself:*

*"How to let a single drop of water have the impact of a waterfall?"*

<http://www.kunrad.net/>

## CONVERSATION AMONG ANIMALS, 2023

SVENJA TIGER

Svenja Tiger is a young German artist who currently lives and works in Porto. Her work usually uses ancestral techniques, namely tapestry, to address topics as current as the (in)distinction between human and animal or imaginaries related to the growing precariousness of life on planet Earth. The concept of this performance precisely originates from a visual and poetic research into the encounter between humans and non-humans. Tiger is interested in the way in we have been looking to other species, and how the ideas of humanity and knowledge can be altered by a de-hierarchization of this relationship – in essence, she tries to respond to the well-known phrase formulated by Jacques Derrida: "And say the animal responded."

In her performance, she tries to create a space of intersection between the animal world and the human world (a place that may already exist, but in a certain way interrupted). In it, the gaze of species serves to create imaginaries, perhaps non-human future utopias, where plastic fish swim in acrylic seas. Where panthers in stone breathe airless air. The meeting of two animals is recorded in an abstract dialogue, where thoughts and observations fluctuate and where the word "animal" can finally designate all living beings, including us. The textual component of the performance is created in collaboration with writer Lucie Fortuin.

Svenja Tiger was born in 1990 in Berlin and lives and works in Porto since 2011. She has graduated in Porto in Costume Design (ESMAE) and obtained a master degree in Fine Arts at FBAUP.

In her artistic practice she experiments with installations, photography, drawing and performances, exploring topics mostly linked to personal and cultural mythology, fictional narratives and science-fiction. She researches on how our private narratives are deeply rooted in ancient storytelling and folklore and conversely, how those have the ability to tell us intimate, confidential stories about ourselves. She has a strong urge to connect her researches with the places she visits, in order to get involved with the hidden structures, creatures and phenomenon's there existing.

Tiger's main medium of experimentation and production is the material world of textiles. She is especially interested in examining how the permanent use and reuse of textile can serve to reflect on ourselves and how its transformation and reconfiguration can serve as a mirror on social and ecological issues.

We often see the body as an important drive for Svenja Tiger's work, as a material and energy that takes center to the interactions between our physical existence, our surroundings and all connecting invisible forces.

Svenja Tiger has presented work at Bienal de Arte de Cerveira in 2018, Anuário 20 (organized by Galeria Municipal do Porto) and at Bienal de Arte Contemporânea da Maia in 2021. She has had solo exhibitions at Galeria Geralde da Silva, and Galeria do Sol, in Porto. She collaborates regularly with artists from different areas, such as Francisco Babo, Irina Pereira, Kauê Gindri, Angelica Salvi, amongst others.

<https://svenjatiger.com/>

## MANUAL FOCUS (2003)

### METTE INGVARSTEN

'Manual Focus' is turning faces one-80, arms and legs upside down and swapping the front with the backside of the body. Exchanging bodies from animals, disorganized creatures to headless humans and other unnamed categories. Masks of old men on the back head of three nude women transforms them into a 12-legged organism, crossing out their identity by covering their real face with the artificiality of a mask. It is not the monster in itself but rather the monstrous connections between nude/masked, artificial/real, male/female that produces an unfamiliar gaze at the bodies we already know. Monsters are not a species that you can get familiar with, they disappear and slip away unfocused.

**Concept:** Mette Ingvarsten

**Created & Performed by:** Manon Santkin, Kajsa Sandström & Kaya Kolodziejczyk

**Produced at:** P.A.R.T.S. (Brussels), 2003

**Thanks to:** Bojana Cvejic & Peter Lenaerts

**Mette Ingvarsten** is a Danish choreographer and dancer. From 1999 she studied in Amsterdam and Brussels where she in 2004 graduated from the performing arts school P.A.R.T.S. and holds a PhD in choreography from UNIARTS / Lunds University in Sweden.

Her work is characterized by hybridity and engages in extending choreographic practices by combining dance and movement with other domains such as visual art, technology, language and theory.

Her early pieces, starting with her first performance 'Manual Focus' (2003), which was made while she was still studying, question affect, perception and sensation in relation to bodily representation.

An important strand of her work was developed between 2009 and 2012 with 'The Artificial Nature Series', where she focused on reconfiguring relations between human and non-human agency through choreography. By contrast her later series, 'The Red Pieces', inscribes itself into a history of human performance with a focus on nudity, sexuality and how the body historically has been a site for political struggles.

In 2019, she premiered 'Moving in Concert', an abstract group choreography, that focuses on the interlacing between humans, technological tools and natural materials.

In 2021, Mette Ingvarsten presented two new projects: 'The Life Work', an in situ project with elderly people in the Ruhr region in Germany which addresses migration issues. And a new solo, 'The Dancing Public', inspired by a fascination for dancing manias throughout history.

'Skatepark', a large-scale performance for skaters, dancers and local skatepark communities, premiered in 2023. For 2024 Mette Ingvarsten is preparing 'Rush', a solo performance for Manon Santkin that draws on 20 years of collaboration.

Ingvartsen established her company in 2003 and her work has since then been shown throughout Europe, as well as in the U.S, Canada, Australia and Asia. She has been artist-in-residence at Kaaitheater in Brussels (2012-2016), Volksbühne in Berlin, and associated to the APAP network.

Besides making, performing, writing and lecturing, her practice also includes teaching and sharing research through workshops with students at universities and art schools. She has collaborated and performed with Xavier Le Roy, Bojana Cvejic, Jan Ritsema and Boris Charmatz, as well as invested in collective research projects such as the artist platform *EVERYBODYS* (2005-2010) for which she co-edited *everybodys publications*, but also the educational project *Six Months, One Location* (2008) and the performative conference 'The Permeable Stage'.

<https://www.metteingvartsen.net/>

## ALPHABET (2005/12)

PAULINA OŁOWSKA

Paulina Ołowska's 'Alphabet' was inspired by the book entitled 'ABECEDA' by Karel Teige, the key figure of the Czech avant-garde who created in 1926 the experimental "moving alphabet", in cooperation with Milca Mayerova.

Referring to Teige's project, Paulina Ołowska combines rhythmicity with constructivist fascination for typography and points to the rhetorical function of dance: three performers arrange their bodies to form 26 letters, from A to Z and, confronting the alphabet of the written language with the "alphabet" of gestures and movements, create a new system of expressing meanings.

**Performers:** Sofia Kafol, André Mendes, Elisabeth Lambeck

**Reader:** Maria do Céu Ribeiro

**Paulina Ołowska** was born in 1976 in Gdansk, Poland, and lives and works in Rabka Zdroj and Krakow. She studied at the School of the Art Institute of Chicago (SAIC) from 1995-1996. Between 1997-2000 she studied painting and graphic arts in the painting department of the Fine Arts Academy in Gdańsk. She has received scholarships from prestigious art institutions in The Hague, Lisbon, Kitakyushu and Amsterdam.

Paulina Ołowska often works with references from the past that appear in her pieces as ghosts and apparitions, vibrations of another era that interfere with her pictorial creations. She is interested in the artistic utopia of modernism, which can be found in the principles of the early Bauhaus, in the circles of Russian constructivists and in the creative quest of the European avant-garde at the beginning of the 20th century. She also finds inspiration in the art of the 1960s and 1970s.

Ołowska has had one-person exhibitions at Kunsthalle Basel; the Stedelijk Museum, Amsterdam; and the Zacheta National Gallery of Art, Warsaw. She received the prestigious Aachen Art Prize in 2014, with an associated exhibition at the Ludwig Forum for International Art, Aachen, Germany. She has also staged performances at Tate Modern, the Carnegie International, and the MoMA, New York. Ołowska presented the ballet 'Slavic Goddesses—A Wreath of Ceremonies' at The Kitchen, New York, in 2017 and 'Slavic Goddesses and The Ushers' at the Museo del Novecento in Milan in 2018. Her work was featured in the 2017 National Gallery of Victoria Triennial in Melbourne and the 2018 Liverpool Biennial, as well as in group exhibitions at the Museum of Modern Art, Warsaw; mumok, Vienna; Hamburger Kunsthalle, Hamburg; Migros Museum Für Gegenwartskunst, Zürich; and the New Museum, New York.

## **CANÇÃO NOVA (2023)** **ANDRÉ GUEDES WITH DIOGO ALVIM**

The artistic practice of André Guedes (Lisbon, 1971) spans from visual to performing arts. His works, including installations, performances, scenography and editorial projects, are built - in the wake of conceptual art from the 1960s-70s - based on extensive documentary research. This is the case of "Canção nova", the project created specifically for the present edition of The Museum as Performance. Designed for the museum's auditorium, the work plays with spectators' expectations - starting with proposing new ways of accessing the space and occupying it -, at the same time as proposing relationships between references apparently as disparate as work songs, agricultural implements and images from the rehearsal of a play at the Teatro Aberto (Lisbon) yet to inaugurate. What brings these references together are notions of collective work: the choir that sings rural work songs from the Ribatejo area, the group of performers who perform actions (namely manipulating objects on stage and pulling some chairs from the audience), photographs of the rehearsal of a play ("The Caucasian Chalk Circle", by Bertolt Brecht - performed by João Lourenço and chosen to inaugurate Teatro Aberto in 1976), talks about a group effort, in which the unit (the individual) serves the whole, a common goal. Let's say that, and this is a constant feature in André Guedes' artistic practice, this "Canção nova" is constituted "as a reflection on human activity in the conception of space and social and political organizations".

**Concept and direction:** André Guedes

**Music and sound creation:** Diogo Alvim

**Light Design:** Luís Silva

**Singers:** Joana Costa, João Oliveira, Henrique Vale, Sofia Machado

**Performers:** Ana Rocha, Catarina Lacerda, Joclécio Azevedo, Vera Santos

**Production:** Comum Inconfessável, Associação cultural.

Commissioned by Fundação de Serralves for the 9th Editions of The Museum as Performance.

**Thanks to:** Carlos Melo e Rui Duarte (CIMPOR, Alhandra), Carlos Bártoło, Inocência Casquinha, João Lourenço (Teatro Aberto, Lisboa), José Alberto Sardinha, Miguel Castro Caldas, Miguel Pereira, Nathan Jones (texto Carta às Fábricas), Neusa Trovoada, Paula Loura Batista e David Santos (Museu do Neo-Realismo, Vila Franca de Xira), Rita e António Pote (Rancho Folclórico da Casa do Povo de Glória do Ribatejo), Roberto Caneira (Núcleo Museológico de Salvaterra de Magos).

Documentary materials kindly provided by the Teatro Aberto/Companhia Novo Grupo archive.

**André Guedes** (Lisbon, 1971) has a degree in Architecture from the FA/ FA/Universidade Técnica de Lisboa. He attended postgraduate studies in Space Anthropology at Universidade Nova de Lisboa. He participated in several creative residency programs, namely: Gasworks (London, 2011), Nosadella.due (Bologna, 2007), Le Pavillon / Palais de Tokyo (Paris, 2004/2005), Fondazione Pistoletto/ Cittadellarte (Biella, 2003). In 2007 he received the União Latina Visual Arts Award.

Among the exhibitions and individual performances, the following stand out: 'Formas Antigas, Novas Circunstâncias', Galeria Vera Cortês, Lisbon (2019); 'Pleasure Gardens', Kunsthalle Lissabon, Lisbon (2011/2012); 'Hoxe comezamos a falar', Colexio de Fonseca, Santiago de Compostela (2011); 'L'argent', Galerie Crèvecoeur, Paris (2010); 'The Losses', The Bluecoat, Liverpool (2009); 'AIROTIV', Vitória, Centro Cultural Montehermoso, Vitória-Gasteiz, Spain (2009); 'Better Days, For These Days' (2008), Galeria Lisboa 20; 'Informações/ Information' (2007), Chiado 8, Lisbon; 'Better Days' (2007), Museo Internazionale della Musica; 'O jardim e o casino, a praia e a piscina' (2005), Galeria Lisboa 20, Lisbon; 'Outras árvores, outro interruptor, outro fumador e uma peça preparada' (2004/2005), Museu de Serralves, Porto; 'Slow Motion' (2003), ESTGAD, Caldas da Rainha.

The group exhibitions include: 'A Sexta Parte do Mundo', Museu do Neo-Realismo, Vila Franca de Xira (2017); 'Play', Galeria Quadrum, Lisbon (2011); 'I'm not here. An exhibition without Francis Alys', De Appel, Amsterdam (2010); 'Practicing Memory', Fondazione Pistoletto, Biella, Italy (2010); 'World Question Centre', 2nd Athens Biennial (2009); 'The Clearing', Prague Triennale (2008); 'El Medio Es El Museo' (2008), 'Koldo Mitxelena', San Sebastián; 'Disarming Matter' (2008), Dunkers Kulturhus, Helsingborg, Sweden; 'União Latina Visual Arts Prize', Culturgest, Lisbon (2007); 'Por Entre as Linhas', Museu das Comunicações,

Lisbon (2007); 'La Ciudad Interpretada' (2006), Santiago de Compostela; 'The Final Cut' (2005), Palais de Tokyo, Paris; 'Otras Alternativas' (2003), MARCO, Vigo; 'Partituras e Paisagens' (2002), Festival Danças na Cidade / Calouste Gulbenkian Foundation, Lisbon; "Festival Brrr Live Art" (2001), Porto.

He created the spatial design of the following choreographic works: 'Hors Sujet Ou Le Bel Ici' (2007) by Martine Pisani; 'como rebolar alegremente sobre um vazio interior' (2001) by Vera Mantero for Ballet Gulbenkian; 'Notas para um espetáculo invisível' (2000) by Miguel Pereira; 'Contract with the skin' (2000) by Paulo Henrique. He designed several scenic projects solo or in collaboration with Miguel Loureiro and the Cão Solteiro theater company.

He was the guest curator of the 2020 edition of Cumplicidades International Dance Festival.

The artist lives and works in Lisbon.



**Diogo Alvim** works between music and sound arts, exploring their interactions with architecture, specific contexts, and other arts. He is interested in expanding the practice of sound composition as a research and transformation device.

He studied architecture and composition in Lisbon. In 2016 he finished a PhD in Composition/ Sonic Arts at the Sonic Arts Research Centre in Belfast, focused on the relations between music and architecture.

He currently teaches Sound Arts at ESAD Caldas da Rainha, and is an integrated researcher at CESEM, FCSH - NOVA.

He regularly collaborates with visual and sound artists, choreographers and theatre directors, in productions as diverse as installations, video, dance, performance, performative walks, and other hybrids.

His work has been presented in several events, of which: Festival Temps d'Images 2023 ('Os Passos em Volta - Alcântara', a performative walk with Joana Braga); Festival Musica Viva 2023 ('Jogo Duplo' for Sond'Ar-te Trio); Arquitectura dos sons - concert integrated in the commemorations of the centenary of Iannis Xenakis with the piece 'Posição Relativa' (Gulbenkian Foundation 2023); 'Territórios Nómadas', NOVA-FCSH (with Joana Braga, 2022); Danças na Cidade - RTP/ CNB (2022, for a piece by Tânia Carvalho); Convento São Francisco, Coimbra and Lisboa Soa Festival ('Campo Próximo' with Matilde Meireles, 2020); National Dance Company, with the Portuguese Symphony Orchestra (Music for 'S', by Tânia Carvalho, 2018); Festival Musica Viva 2018 and 2013 (Lisbon 2013); Chantiers d'Europe - Theatre de la Ville (artist in residence at the Cité Internationale des Arts, Paris, 2018); CNEAI, Pantin, France (for a piece by Ramiro Guerreiro, 2017); 'Do Liminar#6' (Zaratan Gallery, Lisbon, 2016); Sonorities Festival (with

the Royal String Quartet, 2015); Belfast Festival (with Matilde Meireles, 2014); 'Sounding Cities - Invisible Places' (Viseu, 2014), Ibrasotope#60 and MAC-USP (São Paulo, Brazil, 2014); Notation in Contemporary Music Conference at Goldsmiths University (London, 2013); ICMC 2012 (with Unlikely Places collective, Ljubljana); ISMIR 2012 (Porto); Young Musicians Award 2009 (commissioned by RDP - Antena 2); Festival Synthèse 2009 (Bourges); Festival Música Portuguesa Hoje (Orchestrutopica, 2008); Gulbenkian Orchestra's composers' workshop (2008 and 2009).

<https://diogoalvim.com/>

## O MUSEU COMO PERFORMANCE THE MUSEUM AS PERFORMANCE

Curadoria Curated by: Cristina Grande, Pedro Rocha,  
Ricardo Nicolau

Produção Production: Ana Conde com a colaboração  
de Cristina Grande, Pedro Rocha, Ricardo Nicolau

Coordenação técnica e Som Technical coordination  
and Sound: Carlos Moreira

Agradecimentos Thanks to: Beatriz Sarmento,  
Mariana Machado, Sílvia Fanti, Daniele Gasparinetti

## LOJA SHOP

Uma referência nas áreas do design, onde pode  
adquirir também uma recordação da sua visita.

A leading retail outlet for the areas of design, where you  
can purchase a souvenir to remind you of your visit.

loja.online@serralves.pt  
www.loja.serralves.pt

## LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes  
da leitura.

The perfect place for all book lovers.

## BAR

Onde pode fazer uma pausa acompanhada de um  
almoo rápido ou um lanche, logo após à visita  
às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take a  
break, with a quick lunch or snack, after visiting  
the exhibitions.

## RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se  
contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma  
das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself to  
be captivated by the environment associated with one  
of the most beautiful views over the Park.

restaurante.serralves@ibersol.pt

## CASA DE CHÁ TEAHOUSE

O local ideal para a sua pausa do ritmo citadino ou  
para o descanso de uma visita pelo Parque.

The ideal place to take a break from the bustling city  
or rest during a visit to the Park.

## INFORMAÇÕES E HORÁRIOS: INFORMATIONS AND OPENING HOURS:

www.serralves.pt/visitar-serralves

### Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210  
4150-417 Porto – Portugal

serralves@serralves.pt

### Linha geral General lines:

(+351) 808 200 543  
(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede fixa nacional.  
Calls to the national landline network.

www.serralves.pt

 /fundacao\_serralves

 /fundacaoserralves

 /fundacaoserralves

 /serralves

Apoio Institucional  
Institutional Support



 REPÚBLICA  
PORTUGUESA  
CULTURA

O Museu como Performance conta com o apoio de  
The Museum as Performance is supported by the

Morgan Phoa Family

Mecenas do Museu  
Museum Sponsor



NOV. 2023